

OS CAMINHOS DA INVASÃO CHINESA

Francisca Gorjão Henriques

TED C. FISHMAN

**How the Rise of the
Next Superpower
Challenges
America and the
World**

A capa do livro de Ted Fishman é esclarecedora sobre o seu ponto de partida: pins com bandeiras de várias potências económicas estão dentro de pequenos plásticos onde está escrito «made in China». Em *China Inc.: How the Rise of the Next Superpower Challenges America and the World*, Fishman descreve como se desencadeou e «explodiu» o milagre económico chinês.

Por que é que os DVDs se tornaram tão baratos? E a gasolina tão cara? Por que razão os tradicionais ornamentos de Natal alemães não são fabricados na Alemanha? Por que fecham as fábricas americanas? Entre 2003 e 2004, Ted Fishman – que como jornalista já trabalhou para as revistas *Worth* e *Harper's* e escreveu vários textos para o *New York Times* – esteve na China, nos centros urbanos e nas regiões rurais, para tentar responder a questões como estas. Na base de tudo, conclui, está um factor simples: os próprios chineses. São 1,3 mil milhões de pessoas, segundo Pequim; 1,5 de acordo com as estimativas ocidentais (traçadas graças ao consumo de cereais). «Os seus mais de mil milhões de habitantes tornaram-se no maior recurso

natural do planeta. A forma como os chineses e o resto do mundo usarão esse recurso irá determinar a nossa economia e todas as economias do mundo, de uma forma tão potente como aconteceu com a industrialização e a expansão americana nos últimos 100 anos», escreve.

O desenvolvimento industrial não precisou de maquinaria moderna: quem precisa de robôs quando tem disponíveis milhões de mãos humanas?

Não é que o país tenha a mão-de-obra mais barata do mundo, apesar da média de pagamentos rondar os 20 cêntimos à hora. «Mas é a fábrica do mundo por estar numa zona estável do globo, oferecendo ao mesmo tempo uma mão-de-obra industrial dócil, fiável e capaz.» O resultado chama-se «o preço chinês», na maior parte das vezes imbatível na América ou na Europa.

Não sabemos se a sua viagem começou em Xangai. Mas é de lá, nas margens do rio Huangpu, que arranca a sua narrativa. Com os seus arranha-céus – mais de cinco mil edifícios com mais de 15 andares foram erguidos entre meados dos anos 80 e 2004 – e níveis de vida acima da média –

os rendimentos são dez vezes superiores aos das outras zonas do país – a cidade pode ser o exemplo da máxima de Deng Xiaoping que despoletou todo o processo: «Enriquecer é glorioso».

Xangai, diz Fishman, atraiu em 2004 praticamente o mesmo nível de investimento estrangeiro que recebeu toda a Indonésia. Ou seja, mais de 12 mil milhões de dólares. Não admira, por isso, que seja também um dos destinos mais procurados pelos habitantes do interior do país. Como a família Li Zhanwei, que é agora proprietária de uma loja no mercado de Dongtai. Tem à porta duas estátuas da dinastia Tang, com 1300 anos. O preço? Com alguma negociação, cinco dólares cada. Mas não é por isso que os Li interessaram Fishman. Vindos de uma aldeia camponesa da província de Henan – uma das mais populosas da China, com 95 milhões de pessoas – a sua história é «o epíteto das enormes forças que operam na China, que levam pessoas das suas comunidades agrícolas ancestrais para o comércio global». Só em 2003 chegaram à cidade quatro milhões de migrantes. E 97 por cento deles conseguiram encontrar um emprego com relativa rapidez. A cidade é agora constituída por um número considerável de empresários que vieram de fora. «Sem terem sido presos por isso», salienta Fishman, referindo-se implicitamente ao sistema *huku*, um mecanismo do regime comunista para proibir as pessoas de se deslocarem livremente pelo país e evitar assim os fluxos migratórios do campo para as cidades.

Os números são difíceis de contabilizar, mas estima-se que entre 90 e 300 milhões

de pessoas tenham deixado as suas casas para procurar trabalho nos centros urbanos da China. «A migração é a maior da história humana», escreve. Em 2010, quase metade dos chineses viverão em zonas urbanas, segundo as previsões das Nações Unidas. Há ainda outra forma de pôr as coisas: actualmente, um em cada três trabalhadores rurais do mundo é chinês. Mas não será por muito tempo. Também de acordo com as projecções da ONU, em 2030, 60 por cento da população chinesa estará a viver nas cidades.

A HERANÇA MARXISTA

O autor aprofunda pouco as questões políticas. Mas no segundo capítulo, «A Revolução contra a Revolução Comunista», explica como se chegou até aqui. Antes da reforma agrária imposta por Mao Tsé-Tung, 60 por cento da população rural chinesa era proprietária de um pedaço de terra, por muito pequeno que fosse. O modelo estalinista de colectivização, que afectou a estrutura social mais básica, a família, eliminou uma enorme quantidade de pequenos negócios por todo o país. O Estado tornou-se no grande lojista da China.

O Grande Salto em Frente (1959-1960), com vista à industrialização, levou pelas mãos do partido milhões de pessoas para os centros urbanos. Foram recrutados 19 milhões; apareceram 50 milhões. Foi então que o sistema *huku* foi imposto, para controlar o fluxo que parecia impossível de conter, devido à grande fome que matou dezenas de milhões de pessoas nos meios rurais. Para responder às dificuldades, um pequeno grupo de agricultores de

Xiaogang, na província de Anhui, começou a vender os excedentes produzidos nas terras onde trabalhavam. E, como consequência, a produzir muito mais do que tinha feito até ali. Deng tinha acabado de chegar ao poder; considerou o sistema «responsável». «Permitir liberdade económica aos agricultores provou ser um dos grandes sucessos», diz Fishman.

Este é apenas um exemplo de como, para aumentar a produção, foi muitas vezes necessário violar a lei. «Os negócios chineses cresceram num ambiente em que a extralegalidade era a única opção», escreve o autor. O seu terceiro capítulo intitula-se precisamente: «Para fabricar 16 mil milhões de meias, viole primeiro a lei». Fishman não aborda o tema da corrupção, colocado actualmente na lista dos grandes combates que o regime de Pequim tem pela frente. Mas é provável que estejam também aqui as suas raízes.

Para Zirui Tian, investigador económico da Universidade de Pequim, citado no livro (que ouve especialistas com frequência), «uma prova do génio dos empresários chineses é que eles podem ser bem sucedidos num sistema com tantas restrições». Era o próprio Deng Xiaoping quem dizia: «Atravessa o rio a sentir as pedras.» Uma das heranças pesadas do planeamento centralizado são as gigantescas empresas estatais, consideradas por Fishman como «a parte mais perturbada e contraída da economia». Desde 1978 – quando se deu o arranque das reformas – quase 40 mil fábricas estatais foram encerradas. Entre 1996 e 2001, 53 milhões de pessoas que trabalhavam no sector público perderam o emprego – ou seja, mais do que os

46 milhões de pessoas que trabalham nas 500 maiores empresas do mundo. De outra forma ainda: nos quatro anos posteriores a 1998, o sector público despediu 21 milhões de funcionários; o número é superior ao de todos os americanos que trabalham na indústria.

«A marcha para a morte das empresas públicas começou quando os habitantes rurais pegaram em si e deixaram os monopólios estatais para começar os seus próprios negócios. A liderança chinesa não estava preparada para o dinamismo do seu próprio povo.»

Quando em 1987 uma delegação jugoslava visitou a China, Deng confessou: «O desenvolvimento das indústrias locais apanhou-nos totalmente de surpresa. Foi como se um exército estranho tivesse aparecido nos campos, fabricando e vendendo uma enorme variedade de produtos. Isto não foi conquistado pelo nosso Governo central... Não foi uma coisa em que eu tivesse pensado... Foi uma surpresa.» Para não abandonar o marxismo, o regime adoptou o «socialismo com características chinesas». A verdade é que, actualmente, o sector estatal chinês é responsável apenas por metade do que se produz no país, e por um quarto do PIB da China.

Um dos lados negros da industrialização chinesa é literalmente negro: entre as 340 maiores cidades do país, não há uma única que responda aos padrões de qualidade do ar. Sete das dez cidades mais poluídas do mundo estão na China, que deverá ser a fonte de 40 por cento da poluição do ar no Japão e na Coreia do Sul. Apenas 15 por cento da população tem água potável em casa.

Em 2003, o consumo de energia eléctrica aumentou 15 por cento. O aceleramento da indústria automóvel está a encorajar os chineses a comprarem carros – em 2003, venderam-se dois milhões. O crescimento da economia, que este ano está na casa dos dez por cento e que nos últimos andou à volta dos 9,5, aumentou as necessidades de petróleo em um milhão de barris por dia. Os preços mundiais do petróleo serão um produto da procura chinesa nos próximos anos, dizem os analistas.

UMA AMEAÇA, OU UMA OPORTUNIDADE?

Tudo isto está a produzir ondas de choque em todo o mundo. Os padrões de consumo e de produção na China determinam cada vez mais o que se compra, e a que preços, nos Estados Unidos e na Europa. As fábricas de têxteis chinesas estão a levar milhões de trabalhadores em todo o planeta para o desemprego (em cinco anos, 2,9 milhões de americanos viram-se privados do seu posto de trabalho numa fábrica); mas também permitem que se compre camisolas ou peúgas a preços cada vez mais baixos.

Por outro lado, com 1,5 mil milhões de pessoas, é potencialmente o mercado mais aliciante do mundo, com um poder de compra em crescimento: nunca um país conseguiu tirar tanta gente da pobreza como fez a República Popular da China nos últimos anos.

«A China é num momento a nossa maior ameaça, no outro, o nosso amigo», resume o jornalista americano. «Ao mesmo tempo que nos rouba empregos, é essencial para a nossa capacidade competitiva. A China é a maior fábrica do mundo e a maior oportunidade de mercado do mundo.»

Também não parece haver nada a fazer. Fishman não diz como responder ao *boom*. A palavra «desafio», contida no título do livro, acaba por não obter resposta. Fishman não aponta caminhos; apenas vai dando exemplos do que comumente já se chama «invasão chinesa».

«A verdade sobre a China é que, como todos os grandes países, as suas contradições são reais. Não há respostas fáceis à vista, apenas gigantescas forças de mudança.» *Rd*